



## NEGRINHO DO PASTOREIO

*Athos Damasceno*

(Transposição poética da lenda recolhida por J. Simões Lopes Neto.)

**P**OR êsses campos abertos,  
que eram iguais a desertos,  
antigamente existia  
um fazendeiro que tinha  
a gaúcha como pinha,  
em onças e prata... ..

Mas tudo quanto ajuntava,  
em seus surrões ocultava,  
sem serventia nem bem.  
Pois, embora estancieiro,  
rico de tanto dinheiro,  
não dava nada a ninguém...

Apenas pra três viventes  
mostrava, às vêzes, os dentes,  
a modo de aceitação:  
— o filho, um cavalo bravo  
e um pretinho que era escravo,  
reinto que nem carvão.

A êste nem nome davam,  
só de Negrinho o chamavam,  
em todo lugar e hora.  
Por isto o pobre coitado  
dizia que era afilhado  
da Virgem Nossa Senhora...

Logo que o sol apontava,  
todos os dias montava  
o baio do seu patrão.  
Galopado o parreheiro,  
trazia ao estancieiro  
os avios do chimarrão.

E de tarde, já cansado  
de tanta lida e mandado  
dês que o sol amanhecia,  
sofrer era o seu destino  
os maus tratos do menino  
que o judiava e se ria...

Ora, o patrão do Negrinho  
topou com outro vizinho,  
certo dia, uma carreira:  
— Era o baio contra um mouro,  
resistente como um touro  
e ganhador de porcina...

Justo na data marcada,  
reuniu-se a gaúchada  
para apostar. E apostavam  
lenços, aperos, patacos,  
enquanto os dois pingos tacos,  
na caucha se preparavam...

Feita a stnha, ambos partiram,  
os rebenques reluziram  
e ergueu-se a poeira do chão.  
Porém os dois parreheiros  
eram iguais e ligeiros:  
— corriam de mão a mão...

Montava o baio o Negrinho  
e, por todo o seu caminho,  
rebenqueava e gemia:  
— Se nós perdermos a aposta,  
meu patrão me deixa em posta...  
Valei-me, Virgem Maria!...

Mas algo sempre acontece  
que muitas vezes parece  
castigo ou perseguição:

— O baio já estava rente  
ao fim, quando de repente  
assentou de sopetão!

Puxa, final desastrado!  
O fazendeiro, danado,  
alegrou que era mau jógo.  
Mas pagou o que devia,  
estalando, na artelia,  
como espinilha — no fogo...

Depois, rumbiou para a estância.  
E à medida que a distância  
aos poucos diminuía,  
em seu coração ferido  
o despeito mal contido  
corcovava e crescia...

E assim que chegou em casa,  
não perdeu tempo nem vasa,  
que êle era mau de parêlho:  
atou as mãos do pretinho  
e mandou dar-lhe, nuzinho,  
uma sumanta de relho...

E não contente com isto  
pegou, de manhã, o cristo  
e foi direito à coxilha,  
onde mantinha pastando,  
livre e solta, retoucando,  
a sua melhor tropilha.

E logo foi declarando:  
— Ficarás pastoreando,  
por trinta dias aqui,  
esta minha cavalhada,  
até que volte dobrada  
a fortuna que perdi.

Veio o sol e veio o vento,  
a chuva do céu nevoento,  
a negra noite sem nome,  
e o pretinho desgraçado  
choramingava, varado  
de frio, de medo e de fome.

Mas certa vez, à noitinha,  
pensou na sua Madrinha  
e, nela pensando, viu

Nossa Seshora descendo  
sôbre o campo escurecendo...  
E nesta noite dormiu.

Dormiu. No céu cor de breu  
o cruzeiro apareceu  
e lá no tópo luziu.  
Mercúrio e Vênus passaram,  
as Três Marias piscaram  
e a estrêla d'Alva subiu...

Sol a pino, dia alto,  
o Negrinho, em sobressalto,  
de repente despertou:  
Durante o sono, a tropilha  
desgaritou na coxilha  
e campo fora abalou...

Longe, além dos aramados,  
por trás dos capões cerrados,  
um galo ainda cantou.  
Perdido o seu pastoreio  
o Negrinho, de receio  
e desespero, chorou.

Ora, o menino malvado,  
ali perto entocaiado,  
por ser cãgoso e abelhudo,  
vendo a tropilha perdida,  
foi pra casa de corrida  
e para o pai contou tudo.

De novo, então, o Negrinho  
foi amarrado, nuzinho,  
no palanque, a couro cru.  
E de novo castigado,  
o corpo todo lanhado  
pelo rabo de tatu...

Depois, já noite fechada,  
sem uma estrêla, sem nada,  
como um pobre foragido,  
foi mandado campo fora,  
que sãisse, sem demora,  
pra campear o perdido...

Antes de ir-se, sangrando,  
gemendo de dor, rengueando,  
se ajoelhou na capela.  
E do altar da Santinha,  
a sua boa Madrinha,  
levou um côto de vela...

E por grotas, por canchadas,  
por lagoões, por estradas,  
— a chama acesa na mão —  
is o Negrinho chorando,  
atrás dos passos deixando  
estrélas vivas no chão...

E tantas luzes brilhavam,  
tantas, tantas alumiam,  
esparramadas, ao léu,  
que o Negrinho imaginava  
que agora pastoreava  
uma tropilha, no céu...

Fôsse milagre ou não fôsse,  
o azul, de súbito, clareou-se  
e a tropilha se reuniu.  
Quando o sol surgindo veio,  
tinha achado o pastoreio  
e, de contente, se viu...

Mas o menino malvado,  
que era mais torvo que a treva  
e pior que alma donada,  
foi ao campo, sorrateiro,  
e como um demônio arteiro,  
enxotou a cavalhada.

No palanque, as mãos atadas,  
mais cinquenta chibatadas  
o Negrinho recebeu.  
Mas, desta vez, já cantado,  
rolou no chão, estrompado  
e pareceu que morreu...

Como viesse a noite nova  
e fôsse muito uma cova  
para o pobre, o fazendeiro,  
de rancoroso e mesquinho,  
mandou botar o pretinho  
na boca de um formigueiro.

Na mesma noite, sonhando,  
viu os seus bens aumentando,  
o surrao, de moedas, pleno.  
Mas o que havia juntado  
cabia agora folgado  
num formigueiro pequeno...

A serenada, descendo,  
molhava os frutos pendendo  
e o verde pasto risonho.  
A noite de Deus passava

e o fazendeiro sonhava,  
sem querer, o mesmo sonho...

A luz do sol que nascia,  
ou na treva que surgia,  
sem ter o brilho de um astro,  
a peonada na coxilha,  
campeava sempre a tropilha  
e da tropilha nem rastro.

Foi então que, encanzimado,  
saiu de casa calado  
e foi olhar a panela,  
onde o escravo enterrado  
devia ser devorado,  
pra ver o que havia nela...

Mas qual não foi seu espanto,  
quando enxergou, por encanto,  
saindo do formigueiro,  
sarado, alegre, saozinho,  
de corpo limpo, o Pretinho  
que o contemplava, faceiro...

Ali pertinho, a tropilha,  
tendo voltado à coxilha,  
para junto d'ele veio.  
E o pretinho maltratado,  
contente do seu achado,  
brincava de pastoreio...

Ao lado, Nossa Senhora,  
na frente — um halo de aurora  
e envolta num lindo véu,  
sonria para o Negrinho,  
como a mostrar-lhe o caminho  
que leva ao Reino do Céu...

Ai, diante de tudo  
que via, assustado e mudo,  
curtido do próprio agravo,  
o Senhor, arrependido,  
atirou-se comovido,  
de joelhos, aos pés do escravo...

\*

Correu pelo vizindário,  
rapidamente, o sadário  
do pretinho que morreu.  
E, como o vento correndo,  
todos ficaram sabendo  
do milagre que se deu...

De então, posteiros e andantes,  
chasques, mascates, viajantes,  
gentes de todo lugar,  
afirmavam ter topado  
um pastoreio tocado  
não na terra mas no ar.

E hoje é crença firmada  
que qualquer prenda extraviada  
a gente pode encontrar:  
— Basta acender um toquinho  
de vela para o Negrinho  
que êle ajuda a procurar...

Muitas velas se acenderam  
e louvações se renderam,  
por alma do judiado,  
que, quando está gineteando,

em seu baiô pastoreando,  
deixa o céu iluminado...

Deixa o céu iluminado,  
pois cada lume é levado  
sem que o perceba ninguém,  
para o Reino da Rainhs,  
para aquela que é madrinha  
daqueles que não a têm...

\*

Cristão que perca o que seja  
e que o perdido deseja  
de qualquer forma encontrar,  
acenda um côto de vela,  
que não é dêle mas Dela,  
e o que perdeu há de achar...

